

5

“E se Romeu e Julieta tivessem *smartphones*?”: a proposta de Wellman

Se Romeu e Julieta tivessem *smartphones* a história escrita por Shakespeare no século XVII teria sido diferente. Teriam trocado mensagens de texto e combinado melhor suas ações. Poderiam, com um GPS, achar uma rota para fugir de Verona, cidade onde se passa a peça. Haveria outros lances dramáticos: o casal seria descoberto, digamos, por uma foto postada em alguma rede digital. Capuletos e Montecchios, as famílias rivais, rastreariam as conexões.

O exemplo é usado por Barry Wellman, pesquisador canadense, para ilustrar uma de suas principais ideias: Em vez de questionar “o que a internet faz com as pessoas?”, sua proposta de pesquisa, na linha de outros autores, procura pensar “o que as pessoas fazem com a internet”, isto é, de que maneira as tecnologias digitais se integram no cotidiano das pessoas. A tecnologia em si pode ter inúmeros potenciais, mas é a maneira como as pessoas usam essas tecnologias que pode abrir pistas para entender a questão.

Sua premissa é relativamente simples: pessoas não vivem apenas na internet. Elas trabalham, têm compromissos, horários, saem para jantar, vão ao cinema, pegam metrô, enfrentam filas. Munidas de *smartphones*, *tablets* e *laptops*, estão conectadas, trocam mensagens, enviam e recebem fotos e mantêm uma vida conectada *enquanto* fazem todas as outras atividades. Na prática, os mundos *online* e *offline* estão integrados em um todo maior e mais complexo, a vida cotidiana. Não há quebra entre esses dois mundos, mas continuidade.

Adaptando um exemplo do próprio Wellman, amigos podem combinar, via celular, de sair para comer uma pizza. No dia, trocam mensagens em uma rede social conectada para confirmar. Na hora do compromisso, se um

deles se atrasa, o outro manda uma mensagem de texto. E, se o atraso for muito, telefona.

Quando Shakespeare escreveu *Romeu e Julieta* no século XVII ninguém na plateia estranhou que eles escrevessem cartas e bilhetes um para o outro. Nas telenovelas brasileiras a tecnologia vem, desde sempre, tornando-se parte das tramas: as primeiras menções à internet e aos celulares começam nos anos de 1990, e na década de 2010 telenovelas são pensadas e distribuídas em várias mídias*.

Nos anos de 1990, se alguém atendia um celular dentro de um ônibus causava espanto e constrangimento. Poucas pessoas tinham celular e essa tecnologia chamava a atenção em qualquer lugar. A partir de meados dos anos de 2000, no entanto, a explosão no número de telefones celulares criou um efeito paradoxal: eles deixaram de ser notados. Se uma pessoa fala ao celular no ônibus ou no metrô não chama a atenção de mais ninguém.

É nesse sentido que Wellman menciona a *integração* da internet e das mídias digitais no cotidiano. Estão imersas no cotidiano, ligadas de tal maneira a outras atividades que podem passar despercebidas. Elas não são mais vistas. Ao menos não com espanto.

Isso não significa, de modo algum, que elas não tenham mais importância ou não abram espaço para mudanças consideráveis no comportamento e no estilo de vida das pessoas. Ao contrário, como lembra Wellman, é quando uma tecnologia se espalha pelo cotidiano das pessoas e deixa de ser notada que seus efeitos são mais fortes.

Grupos, comunidades e redes

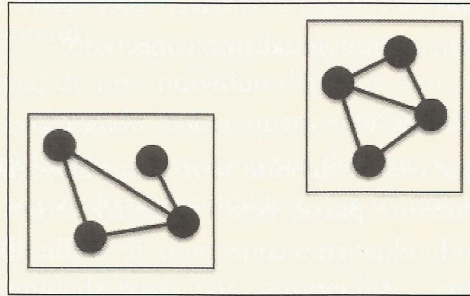
Viver em sociedade significa criar laços. No entanto, a natureza desses laços é muito diferente – as relações profissionais são diferentes das relações com parentes distantes, que, por sua vez, não são iguais aos vínculos de um casal de namorados. São as mudanças nessas sociabilidades, isto é, na maneira como seres humanos criam laços entre si, que Wellman examina para chegar em sua proposta de um “individualismo conectado”.

Durante muito tempo, os laços humanos foram construídos a partir da distância física entre as pessoas. Essa situação se manteve em todo o mundo

* <http://tecnologia.uol.com.br/album/2013/03/25/tecnologia-vai-de-coadjuvante-a-protagonista-em-novelas-brasileiras-relembre.htm#fotoNav> = 13.

durante séculos, até que mudanças econômicas, sociais e tecnológicas alteraram radicalmente essa situação ainda em meados do século XIX (figura 1).

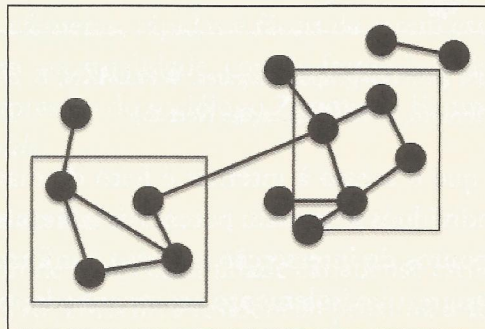
Figura 1 Conexão com o lugar: grupos social e geograficamente próximos



Fronteiras geográficas e sociais coincidem: conexões interpessoais (pontos e linhas) estão dentro do mesmo espaço (quadrados). WELLMAN, B. *Digitizing Ozymandias*. Toronto: Universidade de Toronto, 2012 [Publicações NetLab].

No século XX, o automóvel, o transporte coletivo e meios de comunicação elétricos facilitaram essas relações, permitindo a separação entre lugar de trabalho e local de moradia. Pessoas de diferentes vizinhanças podiam conviver, e os vínculos passaram a ser entre *grupos baseados em lugares próximos* (figura 2):

Figura 2 Conexão lugar a lugar: vínculos parciais com múltiplos grupos



Ligações pessoais ultrapassam as fronteiras geográficas e sociais dos grupos. WELLMAN, B. *Digitizing Ozymandias*. Toronto: Universidade de Toronto, 2012 [Publicações NetLab].

A partir do final do século XX a noção de “lugar” passa por uma alteração considerável. As conexões sem fio, os dispositivos móveis de comunicação, como *smartphones* e *tablets*, somados à expansão de redes *wi-fi*, liberam o indivíduo do lugar onde estava. A conexão entre lugares foi substituída pela conexão entre pessoas. Para me comunicar com alguém não preciso telefonar

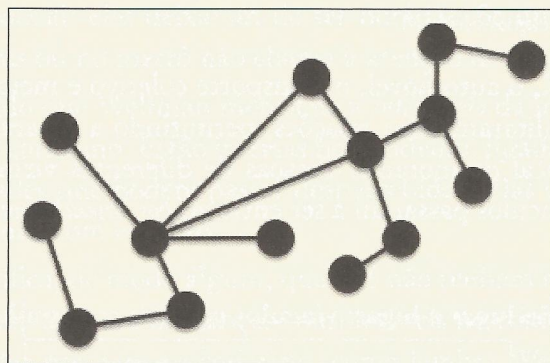
para um *lugar*, como sua casa ou seu trabalho, mas ligo diretamente para a pessoa. As relações passaram a ser entre *indivíduos*.

A conexão direta entre indivíduos que transitam entre várias redes, grupos e ligações sem necessariamente manter laços fortes com nenhuma, é o que Wellman denomina “individualismo conectado”.

O individualismo conectado

A possibilidade que cada indivíduo tem de ser um centro em sua própria rede, sem necessariamente passar pela mediação de um grupo, é uma das bases da teoria do individualismo conectado de Wellman (figura 3).

Figura 3 Individualismo conectado: vínculos individuais, menor sentido de grupo



Conexões entre indivíduos além dos grupos e lugares. WELLMAN, B. *Digitizing Ozymandias*. Toronto: Universidade de Toronto, 2012 [Publicações NetLab].

Na medida em que o acesso à internet é feito de maneira praticamente pessoal, todos os indivíduos se tornam potenciais nós em suas próprias redes, isto é, tornam-se pontos de intersecção e acesso a informações. Na prática, isso significa um progressivo isolamento acompanhado, paradoxalmente, de um número igualmente grande de conexões com outras pessoas.

O problema é que, como essas pessoas também estão ligadas a inúmeras outras, o resultado é a formação de grupos relativamente pequenos, com ligações pouco densas entre os indivíduos – cada um deles especialmente ocupado consigo mesmo, ou trabalhando na manutenção dos laços frágeis que constrói.

A própria noção de “relação” ganha outros contornos a partir da visão de um individualismo conectado. Relacionamentos são criados e terminados

com relativa facilidade na medida em que os laços responsáveis por sua formação não têm força o bastante – isto é, não são importantes de verdade – para sobreviverem por longos períodos. Isso explica, por exemplo, porque tantas discussões são criadas e abandonadas em *blogs*, redes sociais e páginas de relacionamento em geral.

A identidade social de um indivíduo depende, em boa parte, da comunidade à qual ele está ligado. Saber quem se é significa também saber a quais grupos se está ligado – “sou torcedor do time x, adepto da religião y, pertencço à família w, estudo na faculdade z” – e de que maneira essa ligação se reflete nele mesmo.

O senso de comunidade passa por consideráveis transformações quando se pensa na perspectiva de um individualismo conectado: “pertencer” a uma comunidade torna-se um processo muito mais fluido, rápido e dinâmico do que se poderia esperar. A rigor, o indivíduo conectado está entrelaçado com tantos grupos ao mesmo tempo que seus vínculos com cada um deles se torna fino, fraco, quase transparente.

Igualmente, relacionamentos pessoais não conseguem se sustentar por muito tempo diante da concorrência representada pela possibilidade, sempre aberta, de se encontrarem outros relacionamentos. Mas isso, observa Wellman, não é um fenômeno *criado* pelos meios digitais: eles, na verdade, são a expressão de uma sociedade na qual as relações pessoais vêm se tornando igualmente efêmeras, rápidas e fáceis de serem esquecidas; as mídias digitais se articulam, na atualidade, com “a fragilidade dos laços humanos”, para usar a bela expressão do sociólogo Zygmund Bauman no subtítulo de seu livro *Amor líquido*.

A experiência de Netville

Um exemplo vem de uma comunidade canadense estudada pelo autor no final dos anos de 1990. Uma área residencial próxima a Toronto, no Canadá, foi escolhida por uma empresa de telefonia para participar de uma pesquisa sobre como seria a vida conectada. Todas as residências ganharam internet de alta velocidade, uma novidade na época, e os moradores foram convidados a fazer parte de uma lista de *e-mails*.

Wellman notou imediatamente que os laços *online* e *offline* se mesclavam o tempo todo: vizinhos trocavam *e-mails*, mas falando sobre problemas do bairro, comentando sobre suas vidas ou mesmo formando amizades e trocando convites para jantar. A articulação entre relacionamentos *online* e

offline não tinha fronteira definida – o que acontecia em um era espelhado, comentado e tinha consequências no outro.

Se Romeu e Julieta tivessem celulares talvez pudessem ter trocado mensagens de texto e escapado. Ou talvez fossem encontrados pelos Capuletos ou pelos Montecchios em algum programa de localização. Ou, quem sabe, Julieta enfrentasse um perigo muito maior – o perfil de alguma amiga sua, visto por Romeu por acaso, ao visitar sua página em uma rede social.

© *E sob outra perspectiva*

PRIMO, A. “O aspecto relacional das interações na Web 2.0”. In: AUTOUN, H. (orgs.). *Web 2.0*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

